

Arte e a vida na biografia: perspectivas e conceitos a partir das reflexões de Lira Neto e Ruy Castro¹

Alexandre MACIEL²

Felipe ADAM³

João Marcos SILVA⁴

Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz, MA

Associação Brasileira de Ensino de Jornalismo, Porto Alegre, RS

RESUMO

Este trabalho visa estabelecer uma análise comparativa dos livros *A arte da biografia*, de Lira Neto e *A vida por escrito*, de Ruy Castro, ambos de 2022, buscando entender como estes relatos de experiências de dois escritores renomados de livros-reportagem biográficos promovem a reflexão sobre a prática jornalística de fôlego. O principal objetivo foi o de compreender como esses jornalistas problematizam as formas de narrar em uma obra biográfica de cunho jornalístico. O método da análise documental comparativa (Moreira, 2005), utilizado como base, se alinha ao pensamento de Lima (2009), com seu conceito de biografia, Vilas-Boas (2014) e a proposta da metabiografia, bem como a busca de enunciados típicos do gênero em Catalão Jr. (2010). A principal constatação é que ambas são obras de cunho didático, raras no campo da comunicação, com perspectivas pessoais distintas do fazer biográfico.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo; relatos de experiências; biografia; Lira Neto; Ruy Castro.

Introdução

O artigo apresentado busca compreender como dois jornalistas experientes interpretam o ofício de biógrafos, a partir da linha de força “formas de narrar”. A proposta foi analisar os livros *A arte da biografia: como escrever histórias de vida*, de Lira Neto e *A vida por escrito: ciência e arte da biografia*, de Ruy Castro, ambos lançados no dia 14 de dezembro de 2022 pela Companhia das Letras, primeiro elemento que justifica a escolha destas obras para uma comparação mais aprofundada.

¹ Trabalho apresentado no GP Gêneros Jornalísticos, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professor Dr. associado do curso de Jornalismo da UFMA, Imperatriz (MA). Coordenador do grupo de pesquisa Jornalismo de Fôlego, e-mail: alexandre.maciel@ufma.br.

³ Jornalista e Doutor em Comunicação Social (PUCRS). Diretor Sul da Associação Brasileira de Ensino de Jornalismo (ABEJ), gestão 2022-2024, 2024-2026, e-mail: felipeadam91@gmail.com.

⁴ Jornalista e Mestrando em Comunicação Social pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA), campus Imperatriz, bolsista FAPEMA, e-mail: joamarcos.santos2010@gmail.com.

Outra motivação metodológica para comparar esses documentos é o fato de representarem a rara oportunidade de compreender como dois biógrafos de excelência raciocinam a respeito das decisões e práticas jornalísticas no gênero biográfico. Ambos exercitam um jornalismo de fôlego, de grande reportagem biográfica ou de reconstituição histórica, aspecto pouco iluminado pela Teoria do Jornalismo (Traquina, 2012), mais focada nas práticas cotidianas da profissão. Essas obras tratam das minúcias da reportagem, gênero marcado pelo tempo mais dilatado de produção, que beneficia o repórter na busca de um leque maior de fontes documentais e orais, bem como amplia as possibilidades de espaço do texto final, no caso, em livros-reportagem.

Quem mergulha na obra de Ruy Castro (1948) encontra um manancial da cultura brasileira do século XX e também contemporânea. Nascido em Caratinga (MG) e logo radicado no Rio de Janeiro, cidade pela qual é apaixonado, estreou a carreira jornalística em 1967, no *Correio da Manhã*. Emendou, em seguida, uma longa trajetória em *Manchete*, *Seleções*, *Playboy*, *IstoÉ*, *Veja*, *Folha de S. Paulo* e *Jornal do Brasil*. Hoje é escritor regular e mantém uma coluna no jornal *Folha de S. Paulo*. Em 1988, surpreendeu o mundo editorial com a sua estreia no campo dos livros de reconstituição histórica e biografias, *Chega de saudade*, trazendo os bastidores da Bossa Nova e de seus personagens principais, como Tom Jobim e João Gilberto. Em seguida, em 1992, foi a vez de biografar Nelson Rodrigues e todas as suas facetas de teatrólogo, escritor, jornalista e cronista, em *O anjo pornográfico*. Enfrentou problemas judiciais com *Estrela solitária: um brasileiro chamado Garrincha* (1995), que chegou a ser retirado de circulação, mas conseguiu superá-los, inclusive vencendo o prêmio Jabuti, do qual ele coleciona mais três condecorações. Alguns dos seus trabalhos de fôlego mais recentes são *Carmen: uma biografia* (2005), *A noite do meu bem: a história e as histórias do sambacção* (2015), *A onda que se ergueu no mar* (2001, 2017), *Saudades do século XX* (1994, 2018) e *Metrópole à beira-mar: o Rio moderno dos anos 1920* (2019). Pesquisador obsessivo, atento aos detalhes, Ruy Castro maneja o texto dos seus livros com leveza.

O universo do jornalista e biógrafo João de Lira Cavalcante Neto (Fortaleza, CE, 1963) é povoado por personagens que estão consolidados no imaginário nacional, mas poucas vezes foram investigados além da superfície do mito. As formações acadêmicas não concluídas em Letras e Filosofia e o curso que completou de Jornalismo, bem como a vasta experiência como repórter e editor, inclusive de livros, ajudaram Lira Neto a encarar os seus personagens como figuras complexas e múltiplas.

Tudo começou com *O poder e a peste: a vida de Rodolfo Teófilo*, lançado em 1999. Neste livro, que Lira considera um exercício para o seu trabalho de biógrafo, ele investiga a trajetória de um farmacêutico e pioneiro na saúde pública no Brasil, que enfrentou uma grande epidemia de varíola no início do século XX em Fortaleza. Mas foi na sua segunda obra, *Castello: a marcha para a ditadura* (2004), que teve a chance de aprimorar a principal marca do seu estilo. Ao investigar a história do primeiro presidente do governo militar, Castello Branco, o escritor descartou as aparências e buscou humanizar um personagem que a maioria das pessoas tende a encarar com o olhar enviesado de quem julga um verdugo. A sequência dos nomes biografados denota a intenção do biógrafo em retirar sujeitos dos pedestais e horizontalizá-los como indivíduos de carne e osso, como em *O inimigo do rei: uma biografia de José de Alencar* (2006), *Maysa: só numa multidão de amores* (2007), *Padre Cícero: poder, fé e guerra no sertão* (2009), além da empreitada em três volumes: *Getúlio* (2012, 2013, 2014) bem como *Edson Queiroz: uma biografia* (2022). Ler as biografias de Lira Neto é comungar com ele de um olhar único sobre o Brasil, suas revelações e contradições.

Os jornalistas pertencem a uma geração de biógrafos que popularizou o gênero a partir dos anos 1990. Ambos receberam premiações editoriais no Jabuti de Literatura: Ruy foi agraciado com o troféu de melhor biografia em 2006, por *Carmen: uma biografia* (2005) e Lira foi reconhecido na mesma categoria, em 2014, pelo segundo tomo de *Getúlio* (2013). No momento, Lira mergulha na investigação das trajetórias do poeta paulista Oswald de Andrade e do músico pernambucano Luiz Gonzaga. Ruy⁵ continua a escrever livros, mas há quase duas décadas não lança nenhuma biografia.

Os dois livros em análise se constituem como importantes relatos de reflexões pessoais dos bastidores de produção que envolvem o ofício biográfico, especialmente em cenários onde há uma escassez de reflexões sobre a produção biográfica no Brasil (Vieira, 2015; Maciel, 2018; Adam, 2024). Os que mais se destacam continuam sendo a obra pioneira *Páginas ampliadas* (Lima, 2009), versão ampliada da tese defendida em 1994, e *Biografismo* (Vilas-Boas, 2014), também resultado do trabalho de doutorado apresentado pelo autor.

⁵ Em março de 2023, Ruy Castro foi eleito para a Academia Brasileira de Letras (ABL), na qual ocupa a cadeira de número 13, antecedida por Sérgio Paulo Rouanet. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/ruy-castro>. Acesso em 18 jun. 2024.

O método da análise documental comparativa (Moreira, 2005), foi a base para estabelecer uma visão crítica a respeito dos argumentos explicitados por Ruy Castro e Lira Neto em seus respectivos livros sobre o fazer biográfico. O recorte específico “formas de narrar” permitiu empreender uma análise de como se concretiza, na ótica desses autores, o resultado de um processo que tem início na escolha de um personagem central a ser biografado. Ela é seguida de um longo período de investigação sobre a sua vida e contextos de pano de fundo histórico, social e cultural. Nesta etapa, são imprescindíveis as entrevistas orais, com uma quantidade de fontes que pode chegar a uma centena de pessoas, bem como uma minuciosa recuperação de arquivos documentais.

Também foi necessário trazer a luz de pesquisadores no campo do livro-reportagem, como Lima (2009), com seu conceito de biografia específico para o universo do jornalismo. Vilas-Boas (2014), por sua vez, apresenta uma visão crítica do fazer biográfico brasileiro em seus estudos, propondo uma metabiografia. Na busca de enunciados típicos do gênero, Catalão Jr. (2010), estudou, por meio da análise de discurso, qual o perfil típico e as formas de expressão do jornalista que se dedica a elaborar livros-reportagem, como é o caso de Ruy Castro e Lira Neto.

A análise do que os pesquisadores do livro-reportagem ressaltaram como características marcantes das formas de expressão narrativa neste gênero, em comparação com os relatos e reflexões reveladores dos bastidores de produção de dois autores de obras de sucesso no campo, procurou desvendar uma questão central: Como esses autores, que lançam mão sempre das práticas jornalísticas em seu fazer, conseguem costurar uma massa volumosa e bruta de informações apuradas em forma de um texto que tenha as características de ser atraente, sem nenhum elemento de ficção e dê conta de narrar, com profundidade, todos os detalhes de uma trajetória?

“O processo é do biógrafo e do biografado”: reflexão teórica

Oriunda do grego *bio* (vida) + *grafia* (escrita), esse tipo de narrativa recai, em geral, na trajetória de um ser humano, mesmo quando aplicada para recontar o passado de uma banda de música ou uma comunidade, por exemplo. No presente artigo, aceita-se o conceito defendido por Lima (2009, p. 425), para quem a biografia é uma narrativa de longo percurso, “[...] cuja missão é contar toda a vida de uma pessoa, viva ou morta”. É

importante ressaltar que Lima diferencia as obras que ele classifica como de perfil biográfico das biografias jornalísticas em si.

No primeiro caso, segundo Lima (2009, p. 51), o perfil biográfico é um relato jornalístico que “[...] procura evidenciar o lado humano de uma personalidade pública ou de uma personagem anônima que, por algum motivo, torna-se de interesse”. Tratam-se de obras de menos fôlego, que em geral focam em algum aspecto da trajetória de um personagem, ou lançam uma visão mais geral sobre os fatos marcantes de sua vida. Já no caso do livro-reportagem biográfico (Lima, 2009, p. 52), o jornalista “[...] centra suas baterias mais em torno da vida, do passado, da carreira da pessoa em foco, normalmente dando menos destaque ao presente”.

Menos condicionado às pressões comuns em uma redação, como as linhas editoriais, o poder econômico expresso na concorrência e pressa do *deadline*, o jornalista escritor de livros-reportagem e também aquele que detém o status de repórter especial na imprensa têm condições de superar a metáfora do espelho em seu trabalho. Lima (2009, p. 102) acredita que “[...] assumir a relatividade de qualquer visão e tentar, dentro desse limite, abarcar com o máximo de fidelidade possível a compreensão total da realidade – nas câmeras interpenetradas que se puder – surge como o novo desafio do jornalismo”. Assim, os jornalistas deveriam substituir o “ranço reducionista” da objetividade por novos níveis de compreensão.

A partir da análise do que comentam Lira Neto e Ruy Castro nos dois livros sobre os bastidores particulares dos seu fazer biográfico-jornalístico, como se verá adiante, ambos têm a pretensão de definir as suas obras como biografias amplas, detalhadas, com contextos de pano de fundo histórico bem apurados, nos quais se move o personagem escolhido como central. Isso não quer dizer que considerem suas obras biografias definitivas, já que o campo do jornalismo e o mundo editorial estão sempre abertos para novas abordagens sobre as figuras públicas retratadas, como é bem mais comum no universo das biografias estrangeiras do que nas brasileiras.

Ruy Castro e Lira Neto escreveram sobre cantoras de grande expressão (Carmen Miranda e Maysa), escritores de renome (Nelson Rodrigues e José de Alencar), além de gêneros musicais (bossa-nova e o samba). Enquanto Ruy Castro foca o trabalho em cenários situados no Rio de Janeiro – *O anjo pornográfico* (1992), *Estrela solitária* (1995) e *Carmen: Uma biografia* (2005) -, Lira Neto explora contextos mais amplos,

embora cinco dos seus biografados estejam localizados no Nordeste brasileiro: Rodolfo Teófilo, Castello Branco, José de Alencar, Padre Cícero e Edson Queiroz.

As reflexões de Lira Neto e Ruy Castro sobre o fazer biográfico coadunam com o pensamento de Catalão Jr. (2010, p. 233), para quem o “[...] caráter autoral do gênero permite ao repórter desvencilhar-se de constrangimentos enunciativos típicos de um campo marcado pela concentração de poder, pela normatização de procedimentos e de estilos”, tão comuns nas instituições jornalísticas.

Na definição de Catalão (2010, p. 128), o livro-reportagem seria um gênero de discurso produzido em forma de reportagem e difundido nesse formato, por um “repórter-autor” que assume o “[...] trabalho de planejamento, coleta e elaboração das informações”. Estas, por sua vez, serão transmitidas a um público leitor “[...] potencialmente numeroso, difuso, heterogêneo e não-especializado”. Trata-se, na sua visão, de uma situação particular de comunicação, já que nasce das “[...] ideias, indagações, descobertas, interesses e valores de um autor específico” (Catalão, 2010, p. 118). Mas não se pode esquecer que, mesmo não estando inserido no processo produtivo coletivo e hierarquizado, o jornalista escritor de livros-reportagem terá que se adequar a outros tantos ditames do universo editorial e mesmo às pressões internas, psicológicas.

Convém analisar outra característica dos jornalistas escritores no contrato que envolve o livro-reportagem: certa pretensão de relato da verdade. Essa tendência foi apontada pelo pesquisador Sergio Vilas-Boas na sua tese defendida na USP em 2006, *Metabiografia e seis tópicos para aperfeiçoamento do jornalismo biográfico*. A partir das leituras de sete obras⁶, Vilas-Boas critica alguns aspectos recorrentes nas biografias brasileiras até então publicadas e estimula que os autores deixem mais transparentes seus processos, dúvidas, angústias para os seus leitores, já que estabelecem com eles uma relação diferenciada.

Em um contrato ideal com o leitor, mais transparente, seria recomendável, segundo Vilas-Boas (2014, p. 166-167), explicar os contextos em que esses documentos foram gerados e, principalmente, as múltiplas formas como foram encadeados e organizados pelo escritor tantos depoimentos, por vezes, contraditórios: “Ou seja, essa

⁶ Com o objetivo de comprovar sua ideia, Vilas-Boas (2014) analisou trechos de sete obras biográficas: *JK: O artista do impossível*, de Claudio Bojunga; *O anjo pornográfico: A vida de Nelson Rodrigues* e *Estrela solitária: Um brasileiro chamado Garrincha*, ambos de Ruy Castro; *Chatô: O rei do Brasil*, de Fernando Moraes; *Mauá: Empresário do Império*, de Jorge Caldeira; *Morte no paraíso: A tragédia de Stefan Zweig*, de Alberto Dines e *Fidel Castro: Uma biografia consentida*, de Cláudia Furiati

massa bruta, fragmentária e lacunar dos documentos (de todos os tipos e formas) é passível de explicitação pelo eu-convicente, rumo à maior transparência”.

Assim, Vilas-Boas (2014, p. 41), propõe o conceito de *metabiografia*: “Esse processo é do biógrafo, do biografado e de ambos, juntos, harmônicos em um mesmo cenário volátil”. Porém, Felipe Pena (2004) já havia sugerido uma reflexão sobre o texto biográfico. Ao invés de uma construção linear, com início, meio e fim, Pena propôs uma narrativa por meio de capítulos temáticos - a chamada *biografia em fractais*. Após os estudos pioneiros de Pena e Vilas-Boas, Karine Vieira (2015) se destacou por voltar o olhar para a produção biográfica de jornalistas e por perceber aproximações nas práticas investigativas dos dois campos – biografia e jornalismo. Mais do que um novo lugar de trabalho:

[...] esses jornalistas biógrafos constituem um movimento geracional e uma evolução e renovação do biografar, com o aprimoramento de técnicas e formatos narrativos, trabalho com fontes e composição da obra. Uma reconfiguração do biografismo brasileiro a partir dos saberes da prática jornalística. Há a construção de uma episteme do biografar pelos jornalistas que atravessa o gênero. A biografia forjada na confluência de saberes da literatura e da história encontra no jornalismo mais uma peça, mais um eixo, mais um narrar, mais uma possibilidade de reinventar-se (Vieira, 2015, p. 183).

As obras de Lira Neto e Ruy Castro analisadas neste artigo não são livros-reportagem. Podem ser classificadas como ensaios detalhados e calcados no relato das respectivas experiências pessoais desses jornalistas com o universo editorial, no campo específico de produção de livros-reportagem, sobretudo os de cunho de jornalismo biográfico. Como se verá adiante, muito da “transparência” que Vilas-Boas cobra dos jornalistas autores brasileiros está presente em *A arte da biografia* e *A vida por escrito*, como se Lira e Ruy entendessem esses livros como o espaço adequado para debater essas questões e não nas páginas dos livros-reportagem e biografias que produziram.

Eventos, memórias e contextos: metodologia

As obras escolhidas para análise se constituem em raros relatos de experiência de jornalistas, de cunho didático, sobre os bastidores de suas práticas. A fim de estabelecer um debate de aproximações e distanciamentos sobre as reflexões de ambos, e baseado no

método da análise documental comparativa, este resumo se propôs a responder à pergunta central, mencionada acima, sobre quais são as estratégias narrativas de uma biografia produzida a partir dos métodos centrais do jornalismo.

Moreira (2005, p. 271), afirma que a análise documental “[...] compreende a identificação, a verificação e a apreciação de documentos para determinado fim”. No caso deste artigo, a proposta é qualitativa e crítica, já que, segundo classifica a autora, “[...] constitui importante fio condutor para a memória de eventos, pessoas e contextos” (Moreira, 2005, p. 274), no caso, os bastidores minuciosos do fazer biográfico. A partir deste critério, foi possível comparar o que os pesquisadores do campo do livro-reportagem argumentaram a respeito de suas principais características e modos de produção, com os relatos preciosos de dois escritores de obras do gênero, a respeito de todos os procedimentos, dúvidas e decisões finais que tomaram ao elaborar suas obras.

Em um olhar mais amplo inicial, os autores deste artigo detectaram como principais linhas de força para análise as seguintes abordagens presentes em ambas as obras: as decisões ao longo de todo processo, da pauta à edição final; a relação dos jornalistas autores com os entrevistados; como lidam com as fontes documentais; formas de organizarem todo amplo material coletado de forma coerente e atraente; maneiras de narrar uma biografia e questões do mundo editorial. Devido ao tamanho deste artigo, optamos por especificar a análise das formas de narrar no gênero biográfico, a partir da hipótese de que envolve condições diferenciadas do jornalismo praticado nas redações.

Os livros revelam bastidores da escrita biográfica e orientam como escolher um protagonista, organizar informações e procurar por uma editora. Contudo, a obra assinada por Lira se dedica também ao histórico do gênero biográfico. No caso deste artigo, a proposta é focar no que Lira Neto e Ruy Castro sugerem, a partir das próprias experiências, como as melhores formas de narrar uma biografia, levando em conta as seguintes categorias: classificações do gênero biográfico; importância das entrevistas e pesquisa documental como base; técnicas de sedução do leitor e o ritmo da narrativa.

“O que há são pessoas que reescrevem bem”: o ofício de narrar

O jornalista que se propõe a escrever uma biografia, se envolve em uma série de dilemas, aflições, alegrias e expectativas. Neste artigo, o objetivo é abordar, de forma comparativa, a materialização escrita do que foi reunido em pesquisas e entrevistas,

segundo as obras *A arte da biografia* (Neto, 2022) e *A vida por escrito* (Castro, 2022). Um livro é um produto que, antes de tudo, tem estilo e público-alvo. O mercado editorial pondera estes pontos na hora de colocar uma obra a disposição dos leitores.

Os autores sabem a influência que esses fatores exercem sobre o resultado final, por isso, tanto Neto, quanto Castro, vislumbram que é preciso um cuidado especial ao escrever, materializar no papel tudo que foi apurado. A partir disso, eles se contrapõem em diversos pontos, seja na classificação do que realmente é livro-reportagem, ou no tratamento das informações coletadas sobre o biografado, pois “[...] um livro só existe se for lido. Enquanto ele não for aberto, folheado, apropriado pelo leitor, é apenas um objeto inútil, desprovido de função” (Neto, 2022, p. 149).

Ruy Castro (2022) aponta três elementos que ele julga indispensáveis para um bom texto: a concisão, a clareza e a verdade. Além de que o biógrafo, se possível, estabeleça uma voz própria na narrativa, o que ele chama de “charme e o humor”, este precisa ser sobretudo alguém afinado e afiado, verdadeiro, até humilde para reparar nos próprios erros. Não existe orgulho próprio em relação ao próprio texto: “Em minha opinião, ninguém escreve bem. O que há são pessoas que reescrevem bem” (Castro, 2022, p. 139). Neto (2022) usa a mesma palavra, “clareza”, para falar sobre técnicas narrativas. Ele aponta que a reescrita até a exaustão é o que faz um texto se tornar bom.

Todo esse trabalho é operado na produção textual para que o leitor seja atraído não apenas para começar o livro, mas para seguir com a leitura até o fim. Neto (2022) considera que um escritor fracassa quando o leitor abandona a obra logo nas primeiras páginas. A narrativa, como pontua, precisa ter musicalidade e fluidez. Castro (2022, p. 140) se alinha a esse pensamento quando defende que, “[...] [a] ideia de que algo que se lê com facilidade foi fácil de escrever é uma ilusão. Ao contrário, quanto mais fácil de ler, mais difícil o texto terá sido de escrever”. Tais escolhas estratégicas, no entanto, não podem ser confundidas com uma tentativa de que a biografia pareça uma ficção: “Ao querer fazer literatura, no mais das vezes, o jornalista termina por cometer literatices” (Neto, 2022, p. 19).

O Jornalismo Literário permanece envolto em embates conceituais no campo acadêmico, já que alguns pesquisadores concordam com a definição e outros preferem termos como jornalismo narrativo ou narrativas de não ficção. A forma de narrar de Truman Capote, com *A Sangue Frio* (1965), demarcou este debate sobre o que é próprio da literatura e do jornalismo, algo que fica muito mais evidenciado quando o jornalista,

em vez de escrever uma reportagem para um jornal ou qualquer outra mídia mais cotidiana, dedica-se a adentrar o mundo editorial e produzir livros-reportagem, que podem ser biografias ou obras de reconstituição jornalístico-histórica.

Neto (2022) confessa que sempre é questionado sobre se ele ambiciona um dia escrever um romance, mas faz questão de frisar que, mesmo admirando grandes nomes da literatura como Guimarães Rosa e Machado de Assis, este nunca foi o seu objetivo. Para ele, o jornalismo não precisa de “penduricalhos semânticos” e discorda de termos comumente usados para biografias e livros-reportagem: “Digo escrita de não ficção - e não ‘jornalismo literário’, como muitos preferem. Ao se justapor o adjetivo ‘literário’, supostamente nobre, ao substantivo comum ‘jornalismo’, talvez se pretenda conferir maior distinção ao texto jornalístico” (Neto, 2022, p. 18).

Nesse quesito, Castro (2022) é consciente de que seu repertório cultural influencia diretamente na produção de seus livros. Ele usou, por exemplo, o formato de folhetim para compor um texto de sua obra *O anjo pornográfico* (1992). Mas o escritor deixa bem claro que “[...] os romances são fruto da imaginação, e uma biografia, por mais fácil de ler e recheada de histórias que seja, é obrigada a se limitar à informação. Inventar, em biografia, é mais que proibido - é crime” (Castro, 2022, p. 147).

Os autores, no entanto, divergem em diversos conceitos, por exemplo, sobre o momento de começar a escrever. Lira atesta que, devido à imensa quantidade de documentos e entrevistas, é inevitável iniciar a redação antes e, com o tempo, ir preenchendo o que não foi apurado: “A produção do texto irá suscitar contínuas interrogações e lacunas, tornando necessários novos regressos às fontes” (Neto, 2022, p. 81). No entanto, Ruy Castro (2022, p. 137) discorda e sugere que “[...] não se deve começar a escrever antes de coletar todas as informações possíveis”. Isso influencia também na forma como vão iniciar o texto. Ambos concordam que não é preciso se ater a genealogias infundáveis nas primeiras páginas, a não ser que estas sejam cruciais para entender o biografado e os seus antepassados.

Para escrever, ambos os autores se debruçam em uma longa e extensa pesquisa documental, mas trabalham com o material de formas distintas. Lira Neto se ancora no fato de que “[...] é possível introduzir nas narrativas de não ficção recursos próprios ao texto literário, como o diálogo e as aspas em primeira pessoa” (Neto, 2022, p. 86). Já Ruy Castro diz que é quase que impossível que alguém ‘entre na cabeça’ do personagem central: “A única possibilidade de o biografado ‘achar’ alguma coisa será se o biógrafo

ouvir de um informante que o biografado disse isso a ele. E mesmo assim essa informação deve ser recebida com reservas” (Castro, 2022, p. 149). Assim, o biógrafo precisa trazer confiança para quem está lendo, como um pacto, segundo Lira, ou construindo uma “parede de vidro”, de acordo com Ruy, para que somente o biografado apareça como ele é, sem interferências do narrador e revelando todas as contradições humanas do personagem central.

“Biografia é fluência, ritmo e legibilidade”: texto e contexto

Outro ponto de interesse para os biógrafos é o contexto, o universo em que o seu personagem principal está envolvido. Para elaborar uma boa obra, é preciso um trabalho quase que interminável de apuração: “Uma biografia não se limita ao biografado” (Castro, 2022, p. 152). Estas escolhas tornam o texto mais rico, por isso os autores frisam a necessidade de trabalhar com afinco em cada capítulo, sendo a “obsessão” pela entrega do melhor texto possível algo crucial. Mais que a boa vendagem, ambiciona-se manter o leitor preso na leitura: “Uma biografia não é composta só de informações, mas também de fluência, ritmo e legibilidade” (Castro, 2022, p. 163).

Castro (2022) se apropria das gírias de um tempo, das cores, composições, tudo que for possível para manter o leitor dentro da história, sendo o biógrafo deixado de lado neste momento. Existe, no entanto, o cuidado com a realidade dos fatos, principalmente quando se trata da reprodução de diálogos do biografado que foram narrados por outros entrevistados. Em nenhum momento o escritor pode “achar”, supor sobre algo, visto que em todos os casos “[...] uma biografia é uma sequência de fatos, não uma transmigração de pensamentos” (Castro, 2022, p. 149). Ele ainda atesta que por mais que o biógrafo se aproprie de técnicas da literatura de ficção, este é escravo da objetividade. É fazer o básico, o que funciona: “Pessoalmente, tenho sempre em vista o mandamento básico dos jornalistas ao organizar uma notícia: estabelecer o que, quem, quando, onde, como e por que se deu cada fato. Na maioria dos casos, isso determinará a ordem e a lógica desses fatos, sem deixar o leitor se perder” (Castro, 2022, p. 154-155).

A soma desses fatores demonstra a importância de descrições apropriadas para a obra. Neto (2022) afirma que os cenários devem ser “visíveis” para o leitor e “[...] retratar os traços distintivos dos personagens, em seus aspectos físicos, emocionais e psicológicos, parece-me tão relevante quanto. Uma boa narrativa pressupõe personagens

consistentes” (Neto, 2022, p. 117). Cada pequena alteração ou curiosidade que envolve o biografado se torna importante, assim analisa Ruy Castro, que pondera sobre mudança de endereços, se o personagem tinha algum animal de estimação ou até mesmo se morava em uma residência alugada, pois “[...] a soma de tudo isso daria ao leitor uma ideia da vida e dos costumes da época — e o faria se sentir dentro da narrativa” (Castro, 2022, p. 154).

Isso, no entanto, não legitima o biógrafo a narrar sobre tudo que achou interessante sobre a vida do biografado. É preciso estar atento a quais interesses aquele texto irá atingir e fazer uma diferença entre o que é informação pública de fofoca da vida do personagem: “Biografias, como eu as entendo, não são veículos para a ressonância de escândalos, frivolidades, sensacionalismos” (Neto, 2022, p. 147). Porém, ele defende que tudo o que foi indispensável para compreensão total da história se for confirmada a sua veracidade, deve ser colocado no texto final. E acrescenta: “[...] não escrevo biografias para devassar segredos alheios. Escrevo-as para tentar captar e decifrar os sentidos de uma vida” (Neto, 2022, p. 148), deixando claro que o interesse no texto deve ser, acima de tudo, ético.

A implicação de todos esses aspectos é de que o personagem a ser retratado é humano. Neto (2022), ao ser questionado sobre se era contra ou a favor de Getúlio Vargas, respondeu que o biógrafo não pode ocupar o espaço de julgamento, como em um tribunal. Para ele, a beleza estava em enxergar as contradições de seu biografado: “O biógrafo deve perscrutar as zonas de luz e sombra do personagem, revelando-lhe qualidades e defeitos, vitórias e derrotas, méritos e deslizes” (Neto, 2022, p. 141).

A dificuldade, para os autores, persiste no fato de que não é possível escrever um livro sobre a vida de pessoas vivas. Para Castro (2022), ele nem considera tais livros como biografia e condena o fato de muitas dessas obras passar pela correção e autorização do biografado em questão. Em outros termos, é censura e será uma hagiografia, que são textos sobre a vida de santos. Neto (2022) argumenta que é preciso entender a essência do gênero e vislumbrar que “[...] a vida privada de alguém é condicionada pelas circunstâncias de seu tempo e espaço; e, ao mesmo tempo, o quanto as ações individuais influenciaram o meio no qual essa pessoa atuou” (Neto, 2022, p. 67).

Por fim, a biografia é algo que impacta diretamente a vida do escritor. Vilas-Boas (2014) fala da existência de uma metabiografia, ou seja, que o trabalho de apuração, escrita e vivência entorno e a partir de um personagem, muda o jornalista, tanto como profissional quanto pessoalmente. É uma afetação. Tanto Ruy Castro quando Lira Neto

apontam para uma dificuldade de abandonarem seus personagens. Neto (2022) pondera que existe um momento em que o escritor precisa dar um ponto final, por mais doloroso que seja este momento para ele, pois “[...] nenhuma vida cabe inteira em um livro” (Neto, 2022, p. 150). Para Castro (2022, p. 165), “[...] uma biografia termina quando acaba a história - mas renasce inúmeras vezes na vida do autor”.

Contribuições finais

Este trabalho buscou observar aproximações e distanciamentos a respeito dos ensaios publicados por Lira Neto e Ruy Castro em *A arte da biografia* e *A vida por escrito*, respectivamente. Ambas as obras funcionam como importantes referências para a escrita biográfica segundo a ótica jornalística, já que mesmo que haja novas pesquisas sobre o livro-reportagem ou a biografia, as principais obras de fundamento continuam sendo as de Lima (2009) e Vilas-Boas (2014).

As reflexões de Lira Neto e Ruy Castro expressas nas obras analisadas neste artigo permitem estabelecer um debate sobre os reveladores bastidores de apuração e redação, as indecisões e os processos editoriais de suas respectivas obras biográficas. A prática do jornalismo de fôlego na escrita de biografias apresenta conceitos distintos nos dois livros analisados. Lira Neto se alinha a uma perspectiva de trabalho mais alinhada ao comercial, com livros de temáticas diversas, sem apego a linhas de pensamento ou a gosto pessoais. Ou seja, ele firma a sua posição como escritor profissional, que recebe encomendas de editoras e antecipação de pagamentos de direitos autorais de sua obra, tirando daí o seu sustento. Ao contrário de Ruy Castro, que afirma: “[...] quase todos os meus livros foram feitos na base do amor” (Castro, 2022, p. 169) e não faz disso a sua fonte principal de rendimentos.

Os autores também divergem em relação ao próprio conceito de livro-reportagem. Lira se fixa em uma definição próxima a de Lima (2009), em contraste com Ruy, que o nomeia de “reconstituição histórica”, sendo este o contrário, para ele, do conceito de biografia, que “[...] é o relato da vida de alguém. E o biógrafo é aquele que constrói esse relato” (Castro, 2022, p. 23). Na sua opinião, na reconstrução histórica, o cenário, o contexto e os acontecimentos se tornam os grandes personagens da narrativa.

Comparando-se as reflexões de Lira e Castro com as conclusões de pesquisadores da área do livro-reportagem, percebe-se que tanto os escritores profissionais quanto o

campo acadêmico entendem os livros-reportagem de cunho biográfico como uma forma específica do fazer jornalístico. Não está vinculada às hierarquias ou pressões cotidianas de uma redação. Envolve uma relação bem mais direta dos escritores jornalistas com os seus leitores. Porém, a base de toda produção, embora com tempo mais alargado para captar entrevistas e mergulhar nos arquivos históricos são sempre os métodos jornalísticos, que invocam os saberes de reconhecimento e procedimento (Traquina, 2011). Ou seja, todos frisam que se trata de um trabalho jornalístico, embora tenha aproximações visíveis com o campo da literatura.

Apesar da visão por vezes divergentes dos autores, suas análises são essenciais para construção de uma teoria da biografia, que, diante da escassez de livros sobre a prática deste tipo de jornalismo de fôlego, se faz ainda mais necessária para o entendimento de um fazer jornalístico de livro-reportagem puramente brasileiro, com suas limitações e potencialidades. Muitas vezes, menos priorizada do que a notícia, a grande reportagem em formato livro proporciona caminhos de se pensar suportes jornalísticos além dos meios tradicionais ou das novas tendências digitais.

Referências

ADAM, F. **Quando as jornalistas assumem o protagonismo**: memória do gênero biográfico brasileiro pela ótica feminina (1990-2020), 2024. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, 2024.

CATALÃO JÚNIOR, A. H. **Jornalismo *best-seller***: o livro-reportagem no Brasil contemporâneo, 2010. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Araçatuba, 2010.

CASTRO, R. **A vida por escrito**: ciência e arte da biografia. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

LIMA, E. P. **Páginas ampliadas**: o livro-reportagem como extensão do Jornalismo e da literatura. São Paulo: Manole, 2009.

MACIEL, A. Z. **Narradores do contemporâneo**: jornalistas escritores e o livro-reportagem no Brasil, 2018. Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Recife, 2018.

MOREIRA, S. V. **Análise documental como método e como técnica**. In: DUARTE, J. e BARROS, A. (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Editora Atlas S.A., 2005.

NETO, L. **A arte da biografia**: como escrever histórias de vida. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

PENA, F. **Teoria da biografia sem fim**. Rio de Janeiro: Mauad, 2004.

TRAQUINA, N. **Teorias do Jornalismo – Volume 1**: Porque as notícias são como são. 3ª ed. Florianópolis: Insular, 2012.

VIEIRA, K. M. **Do fazer um saber - A construção do biografar**: O discurso de autoria sobre a prática jornalística na produção de biografias por jornalistas brasileiros, 2015. Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), São Leopoldo, 2015.

VILAS-BOAS, S. **Biografismo**: reflexões sobre as escritas da vida. São Paulo: Editora Unesp, 2014.